

## **Espiritualidade e Identidade Profissional do Professor - Um projeto de pesquisa**

VIEIRA, Marili Moreira da Silva

Doutoranda pela PUC-SP (financiamento CAPES)

Representando Instituto Presbiteriano Mackenzie – Sistema Mackenzie de Ensino

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (orientadora)

### **Abstract**

This work's aim is to share the construction of a research about how the spiritual dimension of a person contributes and participates on the constitution of his professional identity. The theory of Claude Dubar will be used to explain the constitution of the professional identity. Placco (1992) will also contribute to the analyses with her theory of the synchronic interaction present in the teacher's different dimensions. There is an understanding that one of the human dimensions has been left out, that is the spiritual dimension. Therefore, the teacher's professional identity will be examined through the spiritual dimension of the human person. This dimension is closely associated with the person's search for meaning in life, through which he or she directs all the actions in the world.

### **Resumo**

Esse trabalho visa compartilhar o processo de construção de uma pesquisa em andamento sobre como a dimensão da espiritualidade contribui e participa da constituição identitária profissional de professores. Será usado o referencial teórico de Claude Dubar para explicar o processo de constituição da identidade profissional. Ainda, como apoio teórico, Placco (1992), que aponta, já há algum tempo, a importância de se considerar a interação entre as várias dimensões do professor no processo de formação. Evidencia-se que em sua análise poderá ser acrescentada como dimensão a espiritualidade humana. Quer-se, portanto examinar o processo de constituição identitária profissional do professor sob o ponto de vista da dimensão da espiritualidade. Entende-se a dimensão da espiritualidade do homem como a busca de um ser ou uma força superior que lhe confere sentido à vida, por meio da qual direciona suas ações sobre o mundo e sobre sua atuação nesse mundo.

## **Introdução**

Por que estudar a identidade profissional de professores a partir da espiritualidade? As respostas a essa pergunta são diversas, contudo para este artigo, a resposta se restringirá apenas ao aspecto de que se tem percebido a dicotomia existente entre a vida espiritual e as demais áreas da vida, incluindo a profissional. Contudo, do ponto de vista que será trazido sobre a espiritualidade, esta é inerente a tudo que o homem produz e faz em sua vida. Este artigo visa demonstrar essa relação.

## **Crise de sentido**

Ao iniciar o estudo sobre espiritualidade, buscou-se definir o que se entende pelo termo. Já nesse sentido, encontraram-se definições díspares e confusas, pois a temática no meio acadêmico tem sido abordada do ponto de vista biológico, religioso, psicológico e filosófico. (VASCONCELOS, 2007; KIVITZ, 2007; BENKO e SILVA, 1996; LOTUFO, 1997; MARINO, 2005 e outros).

A quantidade de literatura sobre a questão da espiritualidade provocou um questionamento que acabou antecedendo a definição: de onde brota tanto interesse pelo tema?

Guerreiro (2004) aponta que esse crescimento do interesse pelo tema tem como provocador a crise da Modernidade.

A Modernidade caracterizou-se pela “razão cartesiana”. Guerreiro (2004) afirma que a natureza foi dessacralizada pela ciência e pelo progresso tecnológico e um rigoroso ateísmo predominou no racionalismo científico do século XX.

Gatti (2005), igualmente, faz clara menção à quebra com os vínculos metafísicos que essa era trouxe para a ciência. Desenvolveu-se um antropocentrismo, no qual o homem se torna auto-suficiente como produtor de conhecimento e de maneiras de pensar e agir. A objetividade da ciência e a ‘fé’ de que pela ciência e tecnologia tudo se resolveria foi a tônica desse período. Assim sendo, o homem virou seu próprio objeto de estudo. O materialismo ganhou prestígio e força. A ciência: “Afastou-se dos objetos ou dos poderes transcendentais, religiosos ou metafísicos” (GATTI, 2005, p. 2) e, de acordo com a autora, isso abriu caminho para o “progresso”.<sup>1</sup> A autora ainda destaca que essa cosmovisão da era moderna afeta a sociedade como um todo e se revela nas relações de trabalho, na família, na vida social, na arte, na ética e na moral.

No entanto, essa separação entre ciência e metafísica, segundo Schaeffer esclarece, produziu um “beco sem saída”.

---

<sup>1</sup> Embora respeitando o posicionamento da autora, entende-se de modo diferente, já que nos primórdios da ciência o progresso se deu em função da produção de homens fortemente vinculados à religião, tais como Kepler, Galileu, Guttemberg, Blaise Pascal, Newton, Einstein, Bacon, entre outros.

Schaeffer (2002, p. 28), filósofo cristão do século XX, aponta que as pessoas: “Pensavam que o homem finito fosse capaz de, por si mesmo, racionalmente, encontrar uma unidade na diversidade total – alguma explicação adequada para toda a realidade”. Mas, ao perceber que não encontraria um campo racional unificado capaz de conter todo o pensamento, o homem se prendeu dentro de uma escuridão total, que Schaeffer chama de estar: “Abaixo da linha do desespero”.

Partindo somente do homem, o humanismo da Renascença (que foi impulsionador do humanismo da era moderna e do movimento da reforma) – e todo humanismo desde então – não encontrou meio de alcançar os universais ou absolutos que dão sentido à existência e à moral. (SCHAEFFER, 2003, p. 33)

Em razão desse cenário declarado pelos autores, a produção do homem passa a indicar a diversidade de sentidos e até a declarar que não há sentido para a existência (Niilismo de Nietzsche).

Essa perda de sentido da vida criou contradições e inquietações diante da ética do desenvolvimento, pois um olhar pela história revela o uso da ciência, da inteligência humana, e do desenvolvimento científico não apenas para o bem, mas também para o aniquilamento da humanidade que seculariza o homem; o afasta do sagrado, do transcendente, do fato de haver uma existência que vai além da que temos e de Deus. O homem questiona-se.

Contraopondo esses questionamentos:

(...) Ganhou força a idéia da emergência de um novo paradigma científico, que poderia superar esta crise da modernidade e da racionalidade, nos mais variados campos. (...) Uma característica central deste novo (...) paradigma é o resgate, após dois séculos de domínio do materialismo científico, de uma visão de mundo que incluía a espiritualidade, o retorno do sagrado, a busca de sentido e um esforço para re-estabelecer (sic) na educação o que se convencionou chamar de re-encantamento, dentro de muitas propostas educacionais que apostam na superação do modelo analítico newtoniano-cartesiano predominante nos últimos trezentos anos. (GUERREIRO, 2004, p. 14)

Nesse processo de encontrar uma nova maneira de se enxergar a ciência e a produção do conhecimento, de preencher o buraco criado pela separação entre ciência e metafísica, surge a visão da complexidade. Morin (1990) captou esse espírito da chamada pós-modernidade.

Antes, a falta de explicitação de diferenças étnicas, individuais e culturais levou à homogeneização da cultura. O que se propõe agora é uma razão aberta, de acordo com Morin (1990), uma racionalidade que propicie a dialogicidade; o estímulo de uma razão sábia, capaz de autocrítica, pois: “Não poderemos escapar à incerteza de que não poderemos nunca ter um

saber total”. (MORIN, 1990, p. 100) Diante da complexidade das informações, da complexidade do homem, este deverá aprender a conviver e a dialogar com a mesma.

O homem, poderoso, capaz de produzir respostas universais, vê a si mesmo questionado, sem bases para responder a todos os problemas que a vida lhe apresenta.

Berger e Luckmann (2004, p.7) apontam que vivemos uma: “Crise de Sentido”. Fazem uma análise tratando dessa crise que nossa sociedade moderna e plural vivencia. Para eles, sentido é a consciência de que existe relação entre as experiências. Essa relação é estabelecida no agir, que é projetado e avaliado em função de experiências já vivenciadas individualmente e na coletividade. O agir do homem é um agir social e é direcionado a pessoas, presentes ou ausentes; para um indivíduo ou para uma coletividade; como um ato único ou para ser repetido assim por diante. É neste agir que o indivíduo constitui sua identidade.

### **Crise de sentido e identidade**

Para Dubar a identidade é compreendida como:

Resultado, a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, **constroem os indivíduos e definem as instituições**. (DUBAR, 2005, p. 136, grifo nosso).

Cada configuração identitária é resultante de uma dupla transação: uma entre o indivíduo e as instituições e, outra entre o indivíduo, em confronto com uma mudança, e seu passado. Isso é resultado de uma articulação entre uma identidade (virtual) atribuída pelo outro e uma identidade (virtual) para si construída ao longo de uma trajetória de vida anterior, (pertença).

Essa dupla transação proposta por Dubar (2005) é explicada como a relação que se estabelece entre a transação objetiva e a transação subjetiva. Encontra-se em Gatti uma explicação mais clara:

Para o autor (...), a transação objetiva é a relação que o indivíduo estabelece com seu espaço de trabalho e com a retribuição concreta da contribuição que dá com seu trabalho para o ambiente social. A transação subjetiva se refere à relação temporal do indivíduo com a profissão, projeções realizadas para si e a identidade construída ao longo de sua vida, a partir dos contextos sociais e dos valores da identidade familiar (constituída na família desde seu nascimento). Esta transação subjetiva pode ser vivida pelo indivíduo em termos de continuidade, com projeções de si no futuro, ou por ruptura, quando não projeta para si um futuro dentro do espaço de produção passada de sua identidade. (GATTI, et al., 2006, p.8)

Existem modos de identificação, variáveis ao longo da história coletiva e da vida pessoal, situações que dependem do contexto. Esses modos de identificação se apresentam de duas maneiras: a atribuição (identidades para os outros) e as reivindicadas para si (identidades para si). As atribuições poderão ser aceitas ou não. É na relação entre esses dois tipos – atribuição e pertença - que está baseada a noção de formas identitárias.

O processo pelo qual se constituem essas configurações tem início da seguinte maneira: primeiramente, quando o indivíduo se organiza em torno de uma forma dominante (comunitária ou societária) para poder se ver e ser visto. A partir daí constrói uma identidade para si.

É a história que cada um conta de si sobre aquilo que é. É a continuação de um eu projetado nas pertenças sucessivas, perturbado pelas mudanças exteriores, abalado pelas vicissitudes da existência. Continuação de uma ambição ética que dá sentido à vida. (biográfica para si). (DUBAR, 2004, p. 52)

Quando há coincidência entre o atribuído (comunitário ou societário) e o reivindicado para si, há uma apropriação subjetiva da forma comunitária ou societária. Ou quando houver ruptura nesse processo, haverá necessidade de buscar uma nova identidade para si que seja reconhecida pelos outros (às vezes novos outros).

Quando não houver, de início, coincidência entre o atribuído e o reivindicado, a identidade será complementar de um projeto de vida que não coincidirá com a pertença. A identidade dará suporte para a apresentação subjetiva de si. Nesse caso, as crises não são intensas, pois a socialização primária assegurou a supremacia do eu sobre o nós.

Evidentemente, o sentido da vida está ligado à constituição identitária dos indivíduos. Os sistemas de valores que regem essas experiências são compartilhados e são geradores de sentido. Os sentidos são objetivados e processados e interagem com os sentidos subjetivos que fazem parte do projeto individual das pessoas. No entanto, integrar seus sistemas de valores em uma sociedade plural, na qual não há mais um conjunto de valores comuns é difícil, se não impossível, por isso vivemos uma crise de sentido, conseqüentemente, uma crise de identidade.

Se não for possível limitar a interação, causada pela pluralização, por “muros” de um outro tipo, o pluralismo se tornará plenamente atuante e, com isso, também ma de suas conseqüências: a crise ‘estrutural’ de sentido. (Berger e Luckmann, 2004, p. 49).

Na sociedade plural e moderna, a vida, a identidade e a razão da existência são constantemente colocadas em questionamento. De acordo com Berger e Luckmann, a maioria das pessoas: “Sente-se insegura num mundo confuso e cheio de possibilidades de interpretação e, (...) perdidos.” (2004, p.57). Não existe nada que seja auto-evidente, em cada comunidade de vida, as regras e os valores são questionados e passam por adaptações para atender aos indivíduos e seus desejos e valores individuais. Os supra-sentidos perdem seu “lugar”.

Berger e Luckmann, ainda, apontam duas maneiras com que os vários grupos sociais têm tentado lidar com a situação. Ou se fecham e fecham as brechas para que seus membros não vejam o que é diferente ou abrem totalmente e liberam qualquer exigência de valor que unifique. Tanto o fundamentalismo quanto o relativismo geram perigo para a constituição de sentido dos indivíduos.

É nesse espaço, de transitoriedade conceitual, de revisão de valores, de verdadeira escuridão de sentido, de crises identitárias pessoais e profissionais que adentram ao campo científico as pesquisas e estudos sobre o transcendente, o metafísico e o espiritual. É nessa visão da razão que se vê a possibilidade de um diálogo entre a ciência e a filosofia, entre o real e o metafísico e, afinal, com o próprio sentido da vida.

A espiritualidade, no mundo contemporâneo, apresenta-se, como uma maneira de resgatar a relação do homem com o transcendente e da ciência e conhecimento com o metafísico.

### **O que é espiritualidade?<sup>2</sup>**

Para Espírito Santo (2006), a espiritualidade é autoconhecimento, a consciência de que há esta dimensão no ser humano. Já, para Santos Neto (2006), que inspira a definição de Espírito Santo, é interioridade, consciência de si em níveis corporal, racional e espiritual.

Para Dupré e Saliers (1989) vida espiritual é diferente de vida religiosa. A vida espiritual é baseada na presença divina. Saliers (1989) afirma que a espiritualidade tem relação com o desafio de buscar inteireza na existência humana em relação a Deus e ao outro. Para este estudo, essa visão da espiritualidade é interessante, pois permite que não se adentrem as defesas de diferentes denominações. Entende-se que há a necessidade de se tratar de uma relação com o Divino, com uma força que transcende a realidade e por isso permite que não neguemos a existência de Deus, mas deixa que cada indivíduo opte por como irá definir essa relação.

A visão que se tem do mundo, do homem e de Deus tem relação direta com a definição que se dá à espiritualidade. Estudar a espiritualidade é estudar um campo no qual não existe neutralidade.

---

<sup>2</sup> Para a autora desta pesquisa, a espiritualidade tem um significado pessoal que expressa sua relação com Deus. O Deus que considera pessoal, amoroso, criador e sustentador de tudo. Essa crença, esse valor, se revela, nas suas relações pessoais e na sua relação com o mundo de maneira geral, bem com dá um sentido à sua existência. A pesquisadora tem clareza de que, apesar de sua necessidade de tomar distância de seu objeto de pesquisa para realizar suas análises, sua visão de espiritualidade será iluminada por seus valores pessoais. Sua honestidade como pesquisadora exige que se coloque com clareza e tome os cuidados necessários para a futura análise dos dados.

Continuando o levantamento de definições de espiritualidade, para Dupré (1998), as demandas do século XX revelaram a necessidade de ligar a esfera interior com o engajamento social e comunitário; a vida interior, a piedade, mistura-se com o engajamento social e ecológico. Há necessidade de coerência entre a vida social e a vida espiritual. A vida espiritual não deve nos isolar da sociedade, mas nos integrar de tal forma que a sociedade receba seus efeitos. Para ele: “A vida espiritual é transformadora de todos os aspectos da vida”.

Barros (2003) ao comentar o estudo da espiritualidade como campo científico faz algumas afirmações que trazem grande contribuição. Primeiramente, o autor nos lembra que Peiper afirma que para estudar ciência, são necessários homens de espírito. Em seguida, ele retoma uma hierarquia epistemológica e coloca que: “A espiritualidade em si é de ordem transcendental e não é passível de ser tratada no nível científico”. Apenas pode-se interpretar os fenômenos concretos. Ele revela que a partir das idéias de Aquino, vemos que o homem tem potencial de ir junto com outro, de estabelecer relação com outro. Ainda para o autor, a espiritualidade representa a dimensão de infinito que habita cada homem, não importando a finitude de suas circunstâncias. Essa concepção de infinito estabelece uma relação de um ser com o outro. Por conta desse sentimento, o ser humano vê a sua existência para além de si mesmo. Ao ir além de si mesmo ele vai justamente para a realidade que o circunde.

Um exemplo forte que se tem evidenciado é a preocupação de muitos com a questão ecológica. Para muitos, essa questão passou a ser uma verdadeira profissão de fé.

Isso se evidencia também em Boff (2006, p.10) que ao trabalhar com o termo espiritualidade dentro do contexto da sociedade, afirma que essa última vive uma crise de sentido e chega a afirmar que esse: “Buraco existencial é do tamanho e Deus”. Para ele, a espiritualidade é o que produz dentro de nós mudanças que se refletem na sociedade, na comunidade.

Também para Scott (2003), pesquisador da Universidade de Oxford, a espiritualidade está relacionada com a busca de sentido na vida e a busca pelo significado das experiências que se vive. Para ele, a espiritualidade deverá ser conceitualizada como universal, intrínseca à educação e à noção de uma pessoa educada para que ela possa determinar sua relevância no mundo; deve ser disponível para os religiosos e não-religiosos.

Kivitz (2007, p. 32), aponta que :

Toda vez (...)que o ser humano está diante da possibilidade da perda de seu ser e sentido, está diante do que o preocupa de forma última, e nesse sentido está diante do sagrado, do infinito, confrontado pelas limitações do tempo e do espaço, sendo exatamente nesse limiar que se manifesta sua dimensão espiritual” .

Então, a espiritualidade é essa preocupação com a finitude da vida, com seus limites, com o sentido da existência.

Archilles e Mahfoud (2001, p. 2), inspirado por Viktor Frankl, abordam o tema da espiritualidade a partir dos conceitos de liberdade e responsabilidade. Afirmam que: “A dimensão espiritual mostrou-se(...) como dimensão de vivência da liberdade e responsabilidade”. Para eles, responsabilidade caracteriza-se pela capacidade de responder às circunstâncias presentes na vida e liberdade para tomada de posições. É no exercício da liberdade e da responsabilidade que o homem encontra sentido para sua existência.

Essas afirmações revelam uma visão do homem composto por dimensões biológica, psicológica, social e espiritual. Só o homem é constituído por essa dimensão espiritual. Ela inclui e integra as demais dimensões do homem, por isso, é considerada uma dimensão superior. (ACHILLES e MAHFOUD (2001); BARROS (2003); FRANKL (1992); MORAIS (1997)).

Diante desse conjunto disperso de definições, buscou-se identificar pontos de convergência que auxiliaram na construção de uma direção para a pesquisa. A partir disso, chegou-se à seguinte definição.

Espiritualidade é o conjunto de elementos e fatores que cada ser humano tem dentro de si que o faz se sentir parte de algo transcendente, algo que vai além da própria existência. Esses fatores dão à vida do ser humano sentido e direção e geram nele a responsabilidade pelo outro, pela existência humana em geral.

Portanto, o homem é constituído para autotranscendência, para o encontro com o outro, seja o outro Deus ou seu semelhante. O homem realiza-se na execução de atos espirituais dirigidos a alguém. Esses atos se manifestam no amor e no trabalho. Esses são atos que constituem sentido à vida; são maneiras pelas quais o ser humano se projeta para fora de si mesmo. Por força do objeto de estudo desta pesquisa, não se adentrará a questão do amor como forma de projeção do ser humano, entretanto, com relação ao trabalho será um pouco mais desenvolvido.

### **O Sentido de vida para Viktor Frankl**

Viktor Frankl (1992, p. 21), fundador da Logoterapia, argumenta que o homem é um ser bio-psico-espiritual: “Não será demais dizer que somente esta totalidade tripla torna o homem completo”. A espiritualidade, para ele, é a característica mais específica do homem. Ainda mais importante para o que se deseja reforçar, ele afirma que: “O ser humano propriamente dito

começa onde deixa de ser impelido (impulsionado) e cessa quando cessa de ser responsável. O homem, propriamente dito, se manifesta onde (...) houver um eu que decide”.

O autor reforça que o homem é criado à imagem de Deus, o Criador, e, que justamente por isso, é um ser livre para escolher aproximar-se de Deus ou se afastar Dele. Afirma, ainda, que: “Como senhor de minha vontade sou criador, como servo de minha consciência, porém sou criatura.”

Já dissemos que a consciência é a voz da transcendência, e, por isso, ela mesma é transcendente. O homem irreligioso, portanto, é aquele que ignora esta transcendência da consciência. Com efeito, o homem irreligioso também tem consciência, assim como responsabilidade; apenas ele não questiona além, não pergunta pelo que ele é responsável, nem de onde provém sua consciência.

Ser criado à imagem e semelhança de Deus tem um significado muito específico: Deus é pessoal, portanto o homem também o é; Deus é racional, portanto o homem também o é, e, com sua razão pode conhecer a criação mais e mais; Deus é criativo, portanto o homem também o é; (FRANKL, p. 42)

Ainda, para ele o trabalho é onde se cria algo para o outro, com muita clareza, ele expressa essa dimensão humana:

(...)Ser humano significa dirigir-se para além de si mesmo, para algo diferente de si mesmo, para alguma coisa ou alguém. Em outras palavras, o interesse preponderante do homem não é por quaisquer condições internas dele próprio, sejam elas prazer ou equilíbrio interior, mas ele é orientado para o mundo lá fora, e neste mundo procura um sentido que pudesse realizar ou uma pessoa que pudesse amar. E, com base em sua autocompreensão ontológica pré-reflexiva, tem conhecimento de que ele se auto-realiza precisamente na medida que se esquece de si próprio. (FRANKL, 1992, p.77-78)

Por tudo isso, pode-se afirmar que espiritualidade não é um conceito preso à religião, mas é ontológico ao homem em sua busca de sentido para a existência. Ela é um sentimento que o ser humano traz dentro de si e o transporta pra além de si. Esse sentimento se exterioriza por meio do trabalho e do amor

### **Espiritualidade e o ambiente de trabalho**

A espiritualidade, embora não sendo um conceito com uma única definição aceita por todos, tem sido apontada nas pesquisas como novo caminho de transformação das relações entre as pessoas e dentro das empresas; Vasconcelos (2008) afirma que é no meio do trabalho que se externa os valores morais, a ética. Ele declara:

Espiritualidade como processo de movimentação de poderosas forças universais que jazem no nosso íntimo em direção ao mundo exterior. No contexto do trabalho, implica em externar plenamente todo o arsenal de virtudes e qualidades intelectuais que já possuímos com vistas à construção de experiências mais enriquecedoras e realizadoras para nós e para os que nos cercam ou dependem do nosso esforço. (2008, p.17)

Na área da educação, a partir do final da década de 90, no Brasil, o tema da espiritualidade foi tangenciando as pesquisas voltadas para a educação para a paz; para a educação do homem integral, para a inclusão da educação religiosa como disciplina no currículo, entre outros (ESPÍRITO SANTO, 1998; GUERREIRO, 2004; ARAUJO, 2005). Porém, pouco se vê da espiritualidade em relação à permeação dela como dimensão da identidade do professor. O foco de análise da presente pesquisa será o da espiritualidade na constituição identitária do professor. Portanto, veremos a espiritualidade revelando-se no trabalho, na relação com o outro.

### **A espiritualidade e a constituição identitária do professor**

Como afirmado ao longo do texto, o homem, vive em estado de inquietação, com uma gama de opções de pensamentos e de ideologias diversas, todas convivendo e em uma sociedade que não fornece bases únicas de valores. Isso interage com sua identificação pessoal e profissional.

Na educação, essa transição e entrada em uma sociedade dita pós-moderna acontece de várias formas. Movimentos surgiram no sentido de olhar e educar o aluno de maneira integral. Considerar tanto a razão, como o corpo e a emoção tornou-se palavra de ordem. Até os currículos e planejamentos começaram a incluir conteúdos atitudinais, conceituais, factuais e procedimentais, deixando, contudo, de se preocupar com a formação da espiritualidade e das emoções. A espiritualidade ficaria a cargo de igrejas e as emoções com o psicólogo.

Em uma outra direção, alguns buscam o desenvolvimento entre o sagrado e o secular. Na realidade, isso nunca deixou de existir. Vê-se uma educação voltada para a formação de homens piedosos em Comênios; ou ainda uma visão mais integral do ser humano em Rousseau, em Stanislav Gorf, Gusdorf ou em Freinet e Montessori, entre outros que não cabe mencionar aqui.

No entanto, apesar da grande influência desses pedagogos na educação, esses movimentos tiveram pouca influência na organização da escola de maneira geral, sendo que esta ainda funciona a partir de uma racionalidade fragmentada. E, além disso, a formação dos educadores é voltada para essa escola e é feita dessa maneira, fragmentada; sem que seja

trabalhada com o professor a consciência da sincronicidade das dimensões do seu trabalho e da sua pessoa. Continua-se a separar as diversas áreas de atuação profissional e áreas de formação do professor (conhecimento técnico, conhecimento do desenvolvimento psicológico e cognitivo dos alunos, conhecimento de didática...), sem sequer trazer à discussão as interferências e interdependências dessas áreas, conforme já apontado em pesquisa por Placco (1992). Muito menos ainda, a dimensão da espiritualidade do homem e sua relação com as demais áreas de atuação dele é observada.

Morin (2000, p. 40-41) assinala que essa era da modernidade trouxe para a escola;

O enfraquecimento da percepção do global (que) conduz ao enfraquecimento da responsabilidade (cada qual tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada), assim como ao enfraquecimento da solidariedade (cada qual não mais sente os vínculos com seus concidadãos).

De acordo com Gusdorf: “Um tal sistema é desumano porque ninguém, dentre os professores, preocupa-se ou tem a seu cargo uma educação da alma. Cada um tenta realizar a sua missão segundo sua consciência profissional”. (1970, p. 50).

Faz-se necessário olhar a dimensão da espiritualidade de maneira mais direta. Ver sua relação, influência e interdependência com as demais áreas da vida e perceber como ela se manifesta na constituição da identidade profissional do professor. Esta é uma dimensão importante ao se estudar a identidade profissional do professor?

Placco (1992, 1994, 2006) aponta várias dimensões: a técnico-científica, a humana interacional, a política, a da formação continuada, a estética e cultural e outras, demonstrando sua sincronicidade, com relevos diferentes a cada nova circunstância que é acionada na vida, tanto profissional quanto pessoal do professor. Ela discute que cada ação feita pelo professor ou acionada pelo dirigente ou coordenador pedagógico interfere em uma dessas dimensões, e que terá influência sobre as demais sendo que o processo de formação deveria promover nos professores a tomada de consciência dessas dimensões em sua prática profissional.

O reconhecimento dessas dimensões postuladas por Placco, é de imensa importância para a compreensão e análise da identidade profissional dos professores. Mas, conforme já apontado, ela não adentrou a dimensão que é considerada aqui essencial para os professores, a da espiritualidade. Pois, entende-se que a dimensão da espiritualidade é aquela que confere sentido último à vida. Pode-se considerá-la como uma supradimensão que reúne as demais sob si.

Esse aspecto ganha relevância especial na escola confessional, mas não é apenas o professor da escola confessional que lida e opera com a dimensão da espiritualidade.

Conscientes ou não, todos, de acordo com a proposição de Frankl, lidam com ela. Diante do fato de que é a dimensão que confere sentido às ações do professor, entende-se que ela poderia levar o professor a questionar e entrar em contato com sua missão profissional, sua responsabilidade pelo outro. Não se intenciona com isso desprofissionalizar o professor colocando-o como um missionário, mas oferecer a ele espaço para refletir, narrar-se e se ver como alguém que transcende a si mesmo e se torna responsável pelo outro, seu aluno, que também busca sentido para sua existência em uma sociedade complexa como a nossa.

O professor construirá sua identidade profissional a partir da sua atuação e interação em determinados tipos de instituições e sociedades. É uma aprendizagem manifestada, amalgamada nos/pelos saberes e experiências vividas por ele. Trata-se, portanto, de um processo de formação identitária. (PLACCO e SOUZA, 2006)

As suas experiências entrarão em interação com sua história de vida pessoal, contribuindo para sua configuração identitária. O profissional não terá sua profissionalidade determinada pela instituição em que trabalha, mas ele, com certeza, será grandemente influenciado pela mesma, seja pela aceitação pura, pela rejeição ou pela negociação com as ideologias e filosofias da mesma.

Hoje em dia, como é que se podem pensar estas trajetórias da vida privada, profissional, político-religiosa cada vez mais diversas, mutáveis, aleatórias? Como é que se podem unir estas diversas esferas de atividade para perceber o significado subjetivo das mutações precedentes? Como é que se podem interpretar as relações entre as mudanças sociais e as evoluções das subjetividades, e, logo, da identidade pessoal? (Dubar 2005, p. 165).

Ainda é importante ressaltar que o movimento existente entre as atribuições feitas pela instituição e a pertença do professor, também define a instituição. Isso é muito significativo, uma vez que as instituições deveriam ter uma missão e embasamentos filosóficos muito definidos. Esses precisam ser ensinados ao professor para que ele os compreenda e exerça de maneira consciente. É o professor que revelará aos alunos a ideologia da instituição nas práticas e atividades educacionais e nas relações que estabelecer com seus alunos.

Scoz (2004, p. 10), estudando a identidade de professores afirma também que esta é produzida nas atividades. A identidade pode ser compreendida como algo em construção, com base nos sentidos que os sujeitos vão produzindo na condição singular em que se encontram inseridos em suas trajetórias de vida e, ao mesmo tempo, em suas diferentes atividades e formas de relação. Assim, são os resultados das complexas sínteses das experiências individuais dos sujeitos em diferentes contextos de expressão.

Entende-se que trabalhar a capacidade de reflexão sobre a vida, a narração de histórias pessoais, o questionamento sobre a prática na relação com a escola e com a formação, poderá ser, a partir da compreensão da teoria de Dubar, uma forma de colocar em questão a reflexão, a narração e a consciência do professor sobre a identidade da comunidade a que pertence e a sua constituição identitária.

Evidentemente, isso poderá gerar no professor uma crise, pois ele poderá não aceitar a identidade que a escola confessional (ou não) atribui a ele. No entanto, não se deve temer essa crise, pois ela esclarecerá e fortalecerá tanto a identidade profissional do professor, a consciência da sincronicidade de suas dimensões profissionais, a sua capacidade de aprender, como, também, o projeto político pedagógico da escola.

O professor necessita esquadrihar, conhecer e fazer a crítica dos pressupostos da escola para tomar consciência deles e torná-los em experiências vivenciadas de aprendizagem.

No caso de escolas confessionais, a certeza das coisas que crêem deve ser tão forte que não possa haver temor de questionamentos, mas segurança de que esses promoverão movimentos de tomada de consciência e fortalecimento das identidades tanto da escola como do professor.

A escola que tem uma ideologia declarada necessita de professores que trabalhem coerentemente com ela. A formação do professor buscará essa “identificação” do mesmo com a instituição por meio de um processo de formação que favoreça a constituição identitária de ambos.

É bom que a escola proporcione momentos para o professor questionar, esquadrihar, pensar sobre os princípios que a sustentam, para falar e escrever sobre sua prática e sobre a forma como produz sua prática naquele determinado espaço com aquela determinada visão de mundo, na busca de atingir os objetivos do projeto da escola, que dialeticamente, é produzido pelos professores, mesmo tendo uma ideologia própria definida em sua Visão, Missão e fundamentação filosófica.

Ao ter consciência da ideologia da escola em que atua, o professor poderá examinar e alterar várias dimensões de seu trabalho, exercendo um auto-exame e desenvolvendo seu autoconhecimento, sem com isso ser alguém sem uma identidade narrativa, pelo contrário, favorecendo o desenvolvimento da mesma.

Na medida em que o professor entrar em contato com a razão de ser de sua existência, haverá influência direta sobre o como desempenha suas funções, sobre o como busca crescimento pessoal nas demais dimensões, humano-interacional, afetiva, ética, técnica e estética.

## Referências

- ARAÚJO, Alan Ricardo de Sousa. **Complexidade, espiritualidade e educação: por uma educabilidade do espírito humano**. Tese de doutorado em Educação. São Bernardo, UMESP, 2005.
- ARCHILLES, Gonçalves, COELHO, Jr.;MAHFOUD, Miguel. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: Distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicol.USP*, São Paulo, v. 12, n°2, 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 11/09/2007.
- BARROS, Luiz Ferri. **As dificuldades científicas do entendimento da espiritualidade**. Disponível em: <HTTP://www.hottopos.com/rih6/ferri.htm>
- BENKO, M. A.;SILVA, M.J.P.. Pensando a espiritualidade no ensino da graduação. **Revista Latino Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, Vol 4, N°1, p. 71-85, janeiro, 1996.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido**. São Paulo:Vozes, 2004.
- BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho para a transformação**. Rios de janeiro:Sextante, 2006.
- DUBAR, Claude. **A Crise das Identidades: a interpretação de uma mutação**. Tradução de Catarina Matos. Portugal:Autêntica Editora, 2006. Original Francês 2002.
- \_\_\_\_\_. **A Socialização: construção das identidade sociais e profissionais**. Tradução de Andréa Stahel M. da Silva. 3ª Edição. São Paulo:Martins Fontes, 2005. Original Francês, 2000.
- DUPRÉ, Louis. Spiritual life and the survival of christianity. In: **Cross Currents**, Fall, 1982, Vol.48, Issue 3, p. 381.(online) Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN>. Acesso em 21/02/2008.
- DUPRE, Louis; SALIERS, Don E. Christian Spirituality. World Spirituality, vol 18. New York: Crossroad Publishing Company, 1989.
- ESPÍRITO SANTO, Ruy César de. **O renascimento do sagrado na educação**. 3ª edição. São Paulo: Papyrus, 2001.
- FRANKL, E. Viktor. **A presença ignorada de Deus**. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Man's search for meaning**. New York: Pocket Books,1984.
- GATTI, Bernardete Angelina. **Pós-modernidade, educação e pesquisa: confrontos e dilemas no início de um novo século**. *Psicologia da educação*. [online]. 2005. vol.20 [citado 02 Agosto 2007], p.139-151. Disponível na World Wide Web: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752005000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100008&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1414-6975.
- \_\_\_\_\_, et al. Identidade Profissional de professores: um referencial para pesquisa. In: **Mostra de Pesquisa em Educação**, 4, PUC, SP, 2006. 1 CD-Rom.
- GUERREIRO, Lauriano Borgado. **Educação e Espiritualidade : um estudo do paradigma emergente**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Bernardo:UMESP, 2004

- KIVITZ, Ed René. **Espiritualidade no mundo corporativo**: Aproximações entre prática religiosa e mundo profissional. Dissertação em Ciências da Religião, São Bernardo: UMESP, 2007.
- LOTUFO NETO, Francisco. **Psiquiatria e religião – a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos**. Tese de Livre Docência, São Paulo: USP, 1997.
- MARINO JR., Raul. **A religião do cérebro**. São Paulo: Editora Gente, 2005.
- MORAIS, Regis de. **Stress existencial e sentido da vida**. São Paulo: Loyola, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação**. São Paulo: Cortez, 2000.
- PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. Perspectivas e dimensões da formação e do trabalho do professor. In: **Simpósio: A formação docente sob diversos olhares e o compromisso com a inclusão social**, 2006.
- \_\_\_\_\_; Trevisan-de-Souza, Vera. Aprendizagem do adulto professor. ANAIS Recife: **ENDIPE**, 2006.
- \_\_\_\_\_ e SILVA, Sylvia H.S. **A formação do professor: reflexões, desafios e perspectivas**, in BRUNO, E.B.G., ALMEIDA, L. R. e CHRISTOV, Luiza H.S. (orgs) O coordenador pedagógico e a formação docente. 4ª ed. São Paulo, Ed. Loyola, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Formação e prática do educador e do orientador**. Campinas, Papirus, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Formação de orientadores educacionais**: questionamentos da sincronicidade consciente e confronto com a mudança. Tese de doutorado: PUC/SP, 274p, 1992.
- SCHAEFFER, Francis. **O Deus que intervém**. Tradução de Gabrielle Gregersen. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. Original 1968.
- \_\_\_\_\_. **Como viveremos**. Tradução de Gabrelle Gregersen. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. Original, 1976.
- SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Identidade e subjetividade de professoras/es**: sentidos do aprender e do ensinar. Tese de doutorado: PUC/SP, 161p., 2004.
- VASCONCELOS, Ferreira Anselmo. **Espiritualidade no ambiente do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2008.